

EDGEWORK – EM CONVERSAÇÃO: STEPHEN LYNG E JEFF FERRELL

EDGEWORK – IN CONVERSATION: STEPHEN LYNG AND JEFF FERRELL

ENTREVISTADORA
GEORGIA FRANCES KING

TRADUÇÃO DE
SALAH H. KHALED JR.

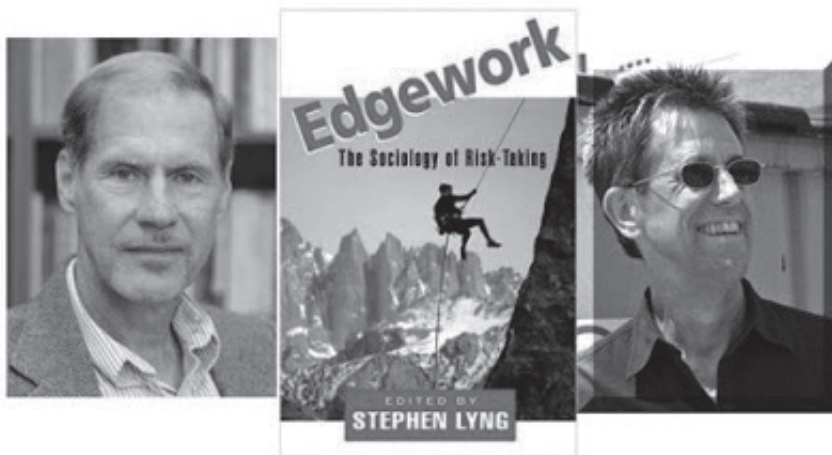
Professor de Criminologia, Direito Penal, Sistemas Processuais Penais e História das Ideias Jurídicas, na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Doutor e mestre em Ciências Criminais (PUCRS, 2011 e 2008), mestre em História (UFGRS, 2007) e presidente do Instituto Brasileiro de Criminologia Cultural.

ORCID ID: 0000-0003-4918-1060.

Lattes: [<http://lattes.cnpq.br/6155872393221444>].

salah.khaledjr@gmail.com

DOI: [<https://doi.org/10.54415/rbccrim.v193i193.217>].



Fonte: [www.redrose.consulting/risky-business/].

RESUMO: Depois de se conhecerem na graduação, os sociólogos e caçadores de emoções Stephen Lyng e Jeff Ferrell começaram a encontrar maneiras de fundir seus estudos acadêmicos com seus hobbies cheios de adrenalina, como paraquedismo e corrida de motos. Tomando emprestado o termo *edgework* de um romance de Hunter S. Thompson, eles passaram os últimos quarenta anos desenvolvendo uma das mais renomadas teorias sociais sobre atividades de alto risco. *Edgework* é definido como "assunção voluntária de riscos" e abrange esforços físicos, como *BASE jumping*, bem como audácia emocional e intelectual. Nós conversamos com os dois professores sobre acolher a trepidação, ultrapassar limites e abraçar a incerteza.

PALAVRAS-CHAVE: Criminologia cultural – Stephen Lyng – Jeff Ferrell.

ABSTRACT: After meeting each other in graduate school, sociologists and thrill seekers Stephen Lyng and Jeff Ferrell began to find ways to fuse their academic studies with their adrenaline-fueled hobbies like skydiving and motorcycle racing. Borrowing the term "edgework" from a novel by Hunter S. Thompson, they have spent the last forty years developing one of the most renowned social theories about high-risk activities. *Edgework* is defined as "voluntary risk-taking" and encompasses physical exertion, such as *BASE jumping*, as well as emotional and intellectual audacity. We spoke with the two teachers about embracing trepidation, pushing boundaries and embracing uncertainty.

KEYWORDS: Cultural criminology – Stephen Lyng – Jeff Ferrell.

GEORGIA¹: Vocês têm trabalhado juntos para entender a sociologia da assunção de riscos extremos por mais de quatro décadas: como vocês se conheceram?

STEPHEN: Fizemos graduação em sociologia juntos na Universidade do Texas em Austin por volta de 1975 – foi há muito tempo, realmente! Depois de mais ou menos um ano, acabamos nos tornando colegas, e foi aí que começamos a descobrir alguns interesses comuns.

JEFF: Nós percebemos rapidamente que tínhamos um senso compartilhado de aventura e busca de adrenalina, bem como alguns interesses intelectuais compartilhados.

GEORGIA: Quando vocês se interessaram em olhar para o conceito de busca de emoções sob uma perspectiva acadêmica?

STEPHEN: Foi uma combinação de muitas influências diferentes em termos de nossos interesses intelectuais e do que estava acontecendo em nossas vidas

1. Publicada originalmente na revista *Kinfolk*, n. 19, p. 90-95, 2016.

Stephen Lyng é professor de sociologia no *Carthage College* e autor (com David D. Franks) de *Sociology and the Real World*. E-mail: slyng@carthage.edu.

Jeff Ferrell é professor aposentado de sociologia da *Texas Christian University*, professor visitante na Universidade de Kent, doutor e mestre em sociologia pela *University of Texas*. E-mail: j.ferrell@tcu.edu.

pessoais. Eu voava com paraquedistas nos fins de semana como forma de complementar minha bolsa da graduação, e comecei a fazer algumas conexões entre o que Jeff e eu estávamos tentando fazer intelectualmente e algumas das coisas que os paraquedistas tinham ideias interessantes a respeito. Era uma espécie de sinergia. Também estávamos tentando explorar os limites da sociologia: os não sociólogos com quem saíamos eram grandes fãs de Hunter S. Thompson, então estávamos tentando conectar isso com a literatura anarquista clássica e o trabalho de Paul Feyerabend, defensor do que definia como “anarquismo epistemológico”.

JEFF: Uma vez que as motocicletas entraram em cena, arrematamos tudo! A mistura de motocicletas, paraquedistas, literatura anarquista e intoxicantes.

GEORGIA: Falando nisso, você pegou o termo *edgework* do romance “*Medo e delírio em Las Vegas: uma jornada selvagem ao coração do Sonho Americano*”, de Hunter S. Thompson. Que tipo de influência ele teve em seus estudos?

JEFF: Ele foi tremendamente influente porque, de certa forma, nós sentimos que ele era um sociólogo melhor do que a maioria dos nossos colegas. Thompson escreveu de forma sugestiva, poderosa e desafiadora.

STEPHEN: Ele foi pioneiro em uma forma de jornalismo que chamou de jornalismo gonzo, e um elemento importante disso é fazer parte da experiência que você está relatando em vez de tentar ser um observador objetivo dela. Combinava perfeitamente com nosso compromisso de fazer uma forma de sociologia nessa tradição.

“Você pode fingir que a incerteza não existe e tentar escapar de todas as maneiras possíveis, mas uma maneira muito mais rica de viver a vida é abraçá-la. É disso que se trata o *edgework*. *Edgeworkers* abraçam o risco em vez de fugir dele”.

GEORGIA: Ouvi dizer que vocês costumavam ter uma gangue de motoqueiros chamada “The Maddogs”: Que tipo de travessuras vocês estavam aprontando nos anos 1970?

STEPHEN: Jeff foi quem trouxe isso para as nossas vidas – ele começou com um patinete e aos poucos chegou ao ponto em que estávamos ambos andando de Harley juntos. Isso nos deu uma maneira de falar sobre *edgework* sob a nossa perspectiva, não apenas por meio do paraquedismo e de atividades intelectuais.

JEFF: As Harleys despojadas cristalizaram a natureza experiencial do *edgework*. Percebemos que quanto melhores nossas habilidades ficavam, mais riscos poderíamos correr e mais adrenalina poderíamos injetar em nossos sistemas. A teoria estava vivendo em nossos corpos assim como em nossas cabeças, e

aquelas motocicletas e o paraquedismo eram encarnações literais das teorias que estávamos inventando na biblioteca.

GEORGIA: Há uma oposição bastante tradicional entre a rigidez da academia e a reconstrução de Harleys – o que os seus colegas achavam das suas atividades extracurriculares?

JEFF: Em certo sentido, outra forma de *edgework* é ter as habilidades intelectuais para desafiar os limites de sua própria disciplina. Steve e eu estávamos lendo muito e éramos bastante afiados, então tomamos como nossa missão contestar alguns dos aspectos obsoletos e previsíveis da academia, incluindo alguns de nossos colegas estudantes de graduação que eram muito carreiristas e preocupados com suas próprias conquistas. Queríamos viver as ideias que tínhamos e percebemos que a academia não era o único lugar para pensar.

STEPHEN: Houve algumas vezes em que o corpo docente tentou se livrar de nós, mas conseguimos escapar! Também estávamos tentando permanecer fiéis à tradição de fazer pesquisa em sociologia que envolve estar muito intimamente ligado aos seus temas de estudo e encontrar maneiras de descobrir como as pessoas dão sentido ao que fazem. Esse não era o tipo de sociologia quantitativa que dominava na época em que estávamos lá, então fomos inspirados a ser também defensores dessa posição: tivemos que nos esforçar para defender o valor desse tipo de pesquisa.

JEFF: Howard S. Becker disse uma vez que sociólogos e intelectuais tendem a transformar a vida humana em abstrações e depois estudar as abstrações, e acho que estávamos determinados – e ainda estamos, 40 anos depois – a estudar as pessoas e conviver com elas em seus próprios termos. Aprendemos sobre o *edgework* com as pessoas que o fazem – nós não desenvolvemos tanto o conceito quanto ele nos foi dado pelas pessoas que já se engajavam nele.

GEORGIA: Vocês testemunharam como empreendimentos arriscados geralmente constroem comunidades muito específicas e unidas: vocês poderiam falar mais sobre o fenômeno dessas conexões íntimas?

STEPHEN: Pessoas que se dedicam a empreendimentos de alto risco como esportes radicais têm um senso de experiência comum que realmente os une – o sentimento que eles têm o privilégio de poder experimentar o mundo de uma forma que a maioria das pessoas não pode. Isso atravessa todas as variedades de *edgework*.

“Queremos algum tipo de fuga da existência normalmente controlada que a maioria das pessoas vivem. Certamente é algo que vale a pena se você está comprometido em viver a vida como se estivesse vivo em vez de morto.”

GEORGIA: Sempre fui fascinada pelo conceito de consciência coletiva e como muitas vezes podemos alcançar mais como grupo do que individualmente. Qual é a psicologia por trás disso em relação à tomada de riscos?

JEFF: De muitas maneiras, *edgework* é sobre autocontrole e habilidade, e é muito difícil aprender habilidades extremas como pilotagem arriscada de moto ou *base jump* por conta própria. Então, uma função da comunidade é transmitir o tipo de habilidades necessárias para a sobrevivência coletiva e para avançar coletivamente: é um repositório de habilidades compartilhadas.

STEPHEN: É rastreável a pessoas que fazem coisas consideradas como uma experiência especial e única. Eu também diria que *edgework* representa certo tipo de fuga do caráter alienante da vida social em geral, então os *edgeworkers* compartilham essa orientação de resistência, que se torna também uma fonte de comunidade.

GEORGIA: E quanto ao aspecto negativo da pressão dos pares? Como podemos navegar por essa linha precária?

JEFF: Uma das definições centrais do *edgework* é “assumir riscos voluntariamente”, então, pelo menos nas atividades em que participei, percebi mais apoio dos pares do que pressão dos pares, porque se você simplesmente sucumbir à pressão dos colegas, você provavelmente morrerá ou será preso se não aprimorar suas habilidades para sobreviver. Se fosse uma questão de pressionar uns aos outros, esses tipos de comunidades não durariam muito. Você precisa de voluntarismo compartilhado para buscar coletivamente o limite.

STEPHEN: Uma das coisas que os *edgeworkers* entendem sobre o que fazem é que quem sucumbe à pressão dos colegas não é membro do grupo. São pessoas que têm uma compreensão bastante profunda do que são capazes. Se você está mais interessado em impressionar seus colegas, é improvável que tenha sucesso no *edgework*. Há uma espécie de sanção contra pessoas que têm essa inclinação, e isso é uma coisa que eu certamente vi em minha pesquisa com paraquedistas: havia alguns indivíduos que sentiam certa necessidade de impressionar os outros, e eles geralmente não eram altamente considerados. Isso era considerado muito ruim pelos verdadeiros *edgeworkers*.

GEORGIA: O advento das redes sociais realmente mudou as coisas nesse campo, pois agora temos um meio de mostrar nossas proezas para pessoas que não estavam realmente presentes. Algumas pessoas agora assumem riscos extremos somente pela oportunidade de registrar o momento em uma foto. Como você acha que isso mudou nosso relacionamento com o *edgework*?

JEFF: Quando ouço histórias de alguém se posicionando na beira de um penhasco para tirar uma *selfie* e depois despencar para a morte, me sinto estranho... Isso é exatamente o que estamos tentando dizer que *não é edgework*.

GEORGIA: Bem, o que *é edgework*, nesse caso?

JEFF: Para mim, habilidade e risco são as duas forças dialéticas que definem o *edgework*. Por exemplo, os *BASE jumpers* referem-se aos *bungee jumpers* como “carne amarrada em uma corda”: você pode bombear adrenalina pulando de uma ponte com os pés amarrados a um cordão elástico, mas como isso não requer nenhuma habilidade, ninguém que faça isso ganha muito respeito. Aperfeiçoar as próprias habilidades no caldeirão do risco distingue o *edgework* de simplesmente correr riscos no sentido geral.

STEPHEN: As pessoas que não possuem habilidades para gerenciamento de riscos não têm algo em comum com os indivíduos sobre os quais estamos falando, porque o desenvolvimento e o uso dessas habilidades estão no centro de tudo – assumir riscos estúpidos não é algo que os *edgeworkers* tenham interesse. Eles geralmente dedicam muito tempo e planejamento para cuidar dos desafios mais óbvios antes de iniciar qualquer tipo de *edgework*. A diferença entre um *edgeworker* e um caçador de emoções irracional é que a emoção não é realmente a parte mais importante para o primeiro.

JEFF: Acho que os *edgeworkers* são como artesãos: eles valorizam o ofício que desempenham, e o ofício lhes rende as emoções. As emoções não estão lá de graça – você encontra essas emoções com base em sua capacidade de criar e aprimorar suas habilidades.

“Eu sempre tive muito mais medo de morrer de tédio do que morrer em um acidente de moto ou pulando de um prédio.”

GEORGIA: Existe algo como *edgework* seguro?

STEPHEN: Como o *edgework* é uma ideia muito *sexy*, muitas pessoas querem aplicá-lo em atividades que não são de forma alguma arriscadas. Um dos grandes desafios é garantir que o conceito signifique alguma coisa: se é tudo, então não é nada. Incorporar algum tipo de abordagem segura para explorar os limites críticos vai contra tudo o que o *edgework* realmente representa. O limite tem que ser um limite consequencial.

JEFF: Eu amo essa ideia do limite consequencial – pode ser seu corpo e sua vida em jogo, ou pode ser sua carreira, sua reputação ou seu relacionamento. Se não há consequências em jogo, então não há possibilidade de *edgework*.

GEORGIA: Os *edgeworkers* que você descreve tentam minimizar os riscos, mas muitas pessoas argumentam que a adrenalina vem de fazer algo que tem uma

pequena chance de dar terrivelmente errado, apesar de medidas de precaução. De onde vem a adrenalina se você erradica o risco?

JEFF: Eu não acho que você está tentando erradicar o risco – eu acho que você está tentando aprimorar suas habilidades para poder assumir maiores riscos. Quanto mais habilidoso você se torna, mais perto você pode chegar do limite do que os seres humanos são capazes de fazer. Se o risco controla o limite da experiência humana, então sou um viciado em risco – não risco fora de controle, mas risco como desafiar os limites humanos. Sem risco, é como a Disneylândia.

STEPHEN: Talvez Jeff e eu discordemos nesse ponto, mas eu gostaria de acrescentar que as dimensões da adrenalina do *edgework* são superestimadas e superenfatizadas. A natureza especial da experiência certamente envolve algum nível de adrenalina – porque quando você fica com medo, a adrenalina vai circular em seu sistema –, mas isso é uma parte menor, do meu ponto de vista. É mais sobre tipos especiais de sensações: de implosão de tempo e espaço como uma sensação de hiper-realidade e o sentimento do *self* autêntico. A adrenalina é secundária a tudo isso, em minha opinião.

JEFF: Eu uso adrenalina como uma abreviação de estados alterados, então é certamente mais complexo do que a glândula suprarrenal liberando isso em seu corpo. Há um novo artigo saindo em breve sobre o fisiculturismo feminino como *edgework*. Nesses casos, não seria tanto a adrenalina, mas outros tipos de estados emocionais alterados e momentos transcendentais de superação de si mesmo.²

GEORGIA: Sinto que agora existem três categorias de pessoas que assumem riscos: as pessoas que querem correr riscos, as pessoas que não querem correr riscos e as pessoas que querem se envolver com essas explosões de adrenalina por meio de experiências simuladas, mas na verdade não querem correr riscos diretamente. É um novo tipo de tomador de risco vicário. Vocês concordam?

STEPHEN: Uma coisa que caracteriza o mundo em que vivemos nestes dias é o esforço de mercantilização do risco. Agora existem indústrias dedicadas

-
2. N.T. Sobre o conceito de *edgework* com conotação criminal, considere a passagem a seguir, que ilustra a retratação por Ferrell de uma dinâmica que “liga *edgework* diretamente à criminalidade, emoção e justiça criminal: se o *edgework* desencadeia uma ‘enxurrada de adrenalina’ viciante, que resulta de sua mistura explosiva de risco e habilidade, então os esforços agressivos de aplicação da lei para impedir os seus praticantes só aumenta o risco do *edgework*, forçando-os a aprimorar ainda mais as suas habilidades, e assim amplificar o desejo por adrenalina que certos grupos de participantes procuram alcançar e as autoridades procuram parar” (FERRELL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG. *Criminologia cultural*: um convite. Belo Horizonte: Letramento, 2019. p. 108).

principalmente a criar riscos simulados porque as pessoas querem pensar que estão fazendo algo perigoso, mas na verdade não querem correr o risco.

JEFF: Em um ensaio clássico que Stephen escreveu anos atrás, “*Squaring the One Percent: Biker Style and the Selling of Cultural Resistance*”, ele mostrou como a empresa Harley-Davidson observou motoqueiros fora da lei e incorporou seus estilos na produção em massa – alguns anos depois, você realmente não poderia diferenciar um motoqueiro fora da lei de um motoqueiro de fábrica. Quando isso ocorre, ser um motoqueiro fora da lei torna-se sem sentido até certo ponto, e, então, você é forçado a reinventar o limite. Depois que essas atividades se tornarem “comoditizadas”, é hora de detonar a próxima explosão. É isso que impulsiona o *edgework*: não são linhas retas, mas um movimento de vai e vem entre vários aspectos da sociedade. Mudanças progressistas inevitavelmente surgem de alguma mistura de risco e habilidade, então ao invés de patologizar o risco, nós podemos vê-lo como inerente à forma como os humanos avançam, seja em suas identidades pessoais ou ordens sociais.

GEORGIA: Stephen, ouvi você falar sobre como não devemos tentar superar ou ficar cegos ao medo, mas, sim, reconhecê-lo e aprender a repensar nosso relacionamento com ele. Como devemos pensar sobre o medo?

STEPHEN: Uma das formas fundamentais de lidar com o medo é transformá-lo em uma sensação de euforia. Quando eu trabalhava na comunidade de paraquedismo, pensávamos nos paraquedistas como pessoas destemidas. Mas descobri que não é bem assim: eles são tão medrosos quanto o resto de nós, mas são dedicados o suficiente à exploração dos limites para encontrar maneiras de gerenciar esse medo e transformá-lo. E isso é uma coisa saudável. Lembro-me de uma conversa em que eu perguntei: “o que aconteceria se você puxasse sua corda e seu paraquedas não abrisse?” e ele disse: “eu gritaria até atingir o chão! Não quero morrer. Não estou fazendo isso porque tenho um desejo de morte – tenho tanto medo das possibilidades quanto qualquer outra pessoa, mas tenho confiança na minha capacidade de superar os efeitos negativos do medo e de manter certo tipo de compostura diante do medo”.

JEFF: Havia uma marca de camisetas chamada *No Fear* [sem medo] que geralmente era usada por adolescentes de 14 anos cheios de espinhas no *shopping*, sendo que, na verdade, eles não tinham a menor ideia do que era o medo. Então os *BASE jumpers* que eu conhecia começaram a usar camisetas que diziam *Know Fear* [conheça o medo]. A questão não é não ter medo – o ponto é conhecer os medos que você tem e enfrentá-los; gerenciá-los e tentar transformá-los em uma maior consciência ou presença no momento. O outro *slogan* dos *BASE jumpers* era “a gravidade sempre ganha”: você não vai vencer a gravidade e não vai vencer

a montanha, então é melhor você aprender a temer, mas também aprender a temer de maneiras nas quais você possa transformar o confronto em algum tipo de encontro produtivo.

GEORGIA: O trecho anterior do livro de Geoffrey Scarre, “*On Courage*”, fala sobre as diferenças entre coragem moral e física e sobre como a bravura que demonstramos em situações de risco de morte não é diferente da bravura que convocamos para defender nossos valores. Qual é o papel da coragem em relação ao *edgework*?

JEFF: Uma das primeiras coisas que nós dois descobrimos sobre esse modo de vida é que você tem que fazer as pazes com a morte antes de poder viver. Se a sua motivação está na autopreservação, no conforto e na vida sustentada – se a vida é mais uma corrida de longa distância –, isso parece tornar impossível desenvolver coragem. Coragem não é abraçar a morte, mas chegar a um acordo com ela. Ironicamente, isso nos liberta de alguns dos medos que geralmente sufocam nossa capacidade de seguir em frente.

STEPHEN: Coragem é estar disposto a fazer coisas que podem ser um grande risco para você, seja por morte ou ferimentos graves, mas estar disposto a fazer isso para que você possa de fato viver. Isso é algo que você ouve repetidamente de *edgeworkers*, eles tratam de encontrar uma maneira de se sentirem vivos ao invés de terem algum tipo de desejo de morte. Esses sentimentos muito profundos de autodeterminação e atualização estão em grande parte ausentes da nossa experiência cotidiana de sermos empurrados por todas essas invisíveis forças sociais. Queremos algum tipo de fuga da existência normalmente controlada que a maioria das pessoas vive. Certamente é algo que vale a pena fazer se você estiver comprometido a viver a vida vivo em vez de morto.

JEFF: Eu sempre tive muito mais medo de morrer de tédio do que morrer em um acidente de moto ou pulando de um prédio. Então nesse sentido, a coragem pode ser simplesmente uma escolha do que se está disposto a enfrentar para encontrar uma razão para viver.

GEORGIA: Alguns filósofos também argumentam que aqueles que assumem riscos geralmente atribuem menos valor à vida e, portanto, são mais propensos a ter qualidades sociopatas: eles se envolvem em comportamentos de risco porque não se importam se eles (ou outros) vivem ou morrem. Qual é a sua resposta a esses tipos de argumentos?

JEFF: Eu discordaria totalmente da formulação da relação entre sociopatia, risco e valorização da vida. Eu quero invocar um pouco de budismo aqui: eu defenderia a velha noção budista de matar seu ego. Quando você valoriza menos sua própria autopromoção, você é capaz de realmente viver com mais calma no

mundo e ser mais generoso e útil para os outros. Por isso eu acho que valorizar um pouco menos a própria vida é melhor do que valorizar mais.

GEORGIA: Como você acha que a percepção dos *edgeworkers* mudou ao longo do tempo? Estamos começando a vê-los de forma mais positiva ou negativa?

STEPHEN: Existe uma tradição de ver qualquer um que se arrisque sem nenhum ganho material óbvio como estúpido ou louco. Essa é uma orientação de longa data, mas hoje em dia somos fascinados por esportes radicais e outros tipos de atividades de alto risco. *Edgeworkers* tornaram-se figuras de inspiração muito mais do que foram no passado – eles estão fazendo uso das habilidades que todos nós precisamos desenvolver para sobreviver em um mundo muito mais arriscado do que existia há algumas décadas.

JEFF: Outro desenvolvimento irônico é que agora somos avisados sobre o quão quente é o nosso café: colocamos o cinto de segurança, gerenciamos riscos e cuidamos bem da nossa saúde por causa do seguro. Estamos vendo uma espécie de mercantilização do risco, bem como a venda do risco de volta para as pessoas. Dizem-nos para não correr riscos e ter cuidado com a nossa saúde, mas assistimos *The Ultimate Fighter* e parapente. Há um tipo real de ambivalência e psicose sobre o risco: temos um grande medo dele, mas também queremos abraçá-lo, mas agora alguém muitas vezes pretende lucrar com isso. *Edgeworkers* criam revoluções na vida cotidiana ao se engajar em algo por motivos de autodefinição em vez de lucro ou dominação.

GEORGIA: Quais são algumas das pequenas maneiras pelas quais podemos trazer o *edgework* para o nosso dia a dia sem pular de penhascos?

JEFF: Uma coisa que acho útil é regularmente confrontar o seu chefe ou qualquer outra figura de autoridade.

STEPHEN: Devo dizer que Jeff fez bastante disso em sua carreira...

JEFF: Se nada mais, mande seu chefe se catar e veja no que isso dá!

GEORGIA: Não tenho certeza de quantas pessoas vão escutar seu conselho. Estamos sempre tão preocupados com os resultados de nossas ações. Acho que é isso que impede muitos de nós de correr riscos em primeiro lugar – a incerteza e a imprevisibilidade. Como isso afeta o seu processo de pensamento?

STEPHEN: Georg Simmel, um antigo teórico social alemão, disse que a incerteza é uma parte importante de nossa existência: muitas vezes não queremos aceitar isso e tomamos todos os tipos de medidas para reduzir essas incertezas, mas elas sempre estarão lá e o mundo em que vivemos está se tornando ainda mais incerto. Acho que a verdadeira lição do *edgework* para muitas pessoas comuns é a ideia de abraçar essa incerteza e aceitar que ela sempre estará lá. Não é

algo para escapar, mas, sim, algo para gerenciar; pode trazer algo para a vida das pessoas que está faltando no momento. Você pode fingir que a incerteza não existe e tentar escapar dela de todas as maneiras possíveis, mas uma maneira muito mais rica de viver a vida é abraçá-la. Isso é o que significa *edgework*. *Edgeworkers* abraçam o risco em vez de fugir dele.

GEORGIA: Quarenta anos atrás, vocês estavam correndo por aí com Harleys e pulando de aviões: como suas próprias definições de *edgework* mudaram ao longo do tempo, e como vocês se divertem agora?

JEFF: Estamos um pouco mais velhos depois de todos esses anos e embora eu não goste muito, na verdade sempre encontro novas oportunidades para desafiar limites. Em vez de ficar frustrado pelas minhas limitações, isso abre um novo conjunto de limites para desafiar, pensar e lutar. É uma espécie de força vital: abraça a incerteza, jogue-se contra ela e veja quais habilidades e aptidões você pode desenvolver.